

# O ESPELHO

Revista de literatura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMMARY.—Causas e efeitos.—Romance O estamento do Sr. de Chauvelin.—(A ponte Britânia) (curiosidades dos tempos antigos e modernos) — Canhento. — Meia noite. — (Canto plástico). Revista de theatros. — Poezias — As suas redempções — Um desejo. — Soffrendo. — (item bibliographico (As cinzas de um livro).

## Causas e efeitos.

Não ha efeito sem causa. Todo o resultado impõe uma ação anterior; toda a flor uma semente (excepto as da rua do Ouvidor); toda a vida um tempo, todo o beijo dous labios.

Assim a creaçao não é senão uma galeria de utilidades, uma sucessão de êlos, uma escola de deduções, um *ergo* pratico sobre todas as iniciais.

Esses problemas de causa e efeito resolvem-se na historia, nas sciencias naturaes, na filosofia propriamente dita, na arte, na litteratura, na vida intima dos povos, na vida intima das famílias, na vida intima dos individuos, na praça, na sala, no gabinete e no toucador.

O estudo deste facto é um dos mais toleraveis estudos que a Providencia propõe ao espírito humano, no meio das velhas trivialidades e o cercam.

O primeiro esforço desse estudo foi um arrojo levar: o homem procurou conhecer a sua própria causa; definiu-se como relativo e tratou de descobrir a sua origem no absoluto. Tioha sido pelo templo de Delphos e lido a inscripção socratica: conhece-te a ti mesmo, *no se estima*.

esta maneira porém de encontrar a causa do maior, do relativo no absoluto não é de acordo com as opiniões de alguns es-

piritos. Scribe encontra os grandes efeitos nas pequenas causas: véde o *Copo d'água*.

E a questão da águia com o seu ovo.

Com efeito, ha na vida certos factos cuja razão de ser — faz estranhar a investigação critica; e a historia é uma galeria destas causas e desses efeitos.

E os que escapam á historia? Uma queda de ministro, uma elevação de favorita, um divórcio, um poema, uma fundação tem muitas vezes a razão directa em um molecule, em um atomo.

O que é uma liga?

Pouca cousa: um pedaço de seda. Pois bem; a *o dem da liga* faz constituir n'as suas condecorações uma distinção especial e real. E' quasi um privilegio de principes.

Entretanto sabeis, todos sabem como nasceu esta ordem esquisita; a condesa de Salisbury dansava, e no meio da dansa caiu-lhe a liga; Eduardo III, que como um bom rei gostava de mulheres formosas, era amante dessa interessante fidalga, e para preencher as regras da delicadeza e do galanteio, apressou-se em apanhá-la a liga calida. A sotredade fez tirar aos fidalgos. — *Honne soit qui mal y pense*, disse o rei. Desde então quiz fazer valer o objecto dos motejos dos cortesões; in titui a ordem da Liga.

Eis aqui uma cousa tão pequena, tão futile, produzindo a instituição de uma ordem de cavalaria, levantando a uma altura de brasão este utensilio femenino, que nenhuma importancia tem para mim, excepto nas horas de suas funções.

Não pára só aqui. Tomemos este mesmo objecto; quantas vezes não tem sido causa de muitos acontecimentos notáveis, creio eu.

Quereis mais?

Newton descobriu as leis da gravidade com a

queda de uma maçã. Passeava em um jardim na reflexão de seus problemas mathematicos, e foi interrompido pela maçã que, cansada de estar pendurada, e tendo sasonado convenientemente, desprendeu-se do galho que a sustinha.

Ora, antes disso quantas maçãs não tinham caído de seus galhos sem que a nenhuma despertasse a idéa de gravidade?

O efeito foi grande; nada menos que um conhecimento para a sciencia e um palmo de pedestal para a memoria do grande mathematico; entretanto a causa foi ainda futil, commum, sem valor apparente.

Na ordem da sciencia ha ainda mais exemplos. Archimedes cansado por um trabalho que devia realizar, inflamou-se tanto um dia que passou a tomar um banho. Entrou para a agua e sahio logo com uma descoberta na cabeça — a nação.

Applicando este facto, realizado tantas vezes, no movimento das cousas humanas, conclue-se que nem tudo nesta vida deve ser tomado ao pé da letra historica? Assim, certos homens que parecem grandes, certos factos que nos parecem extraordinarios, no caso de terem uma origem, uma causa pequena e impalpável devem ser apelados de sua altura, por esta lei racional que mostra o efeito contido na causa?

Resta considerar o valor intrinseco da causa, o concurso das circumstancias e todo esse aparelho philosophico. E' essa uma indagação fina e profunda.

Não ha entretanto esphera social onde este embate de pequenas causas e grandes efeitos se opere com mais frequencia do que no mundo elegante, na esphera do galanteio.

Uma flor, um leque, um olhar, um roçar de sedas, um gesto, uma luva, são, tem sido e hão de ser sempre, enquanto existir a nossa humanidade, causas leves e imperceptiveis de factos importantes, que decidem muitas vezes do destino de uma familia, do futuro de um homem, e talvez do movimento de um paiz. Deus sabe como muitas favoritas prendem os corações reaes e chegam a governar os imperios, frageis criaturas como são.

VICTOR DE PARMA.

## O TESTAMENTO DO SR. CHAUVELIN.

ROMANCE

DE

ALEXANDRE DUMAS.

VII.

### O PADRE, O PRECEPTOR E O INTENDENTE.

(Continuado do n. antecedente.)

No dia seguinte aquelle em que o rei permitira ao Sr. de Chauvelin retirar-se para suas terras, a marquesa, mulher d'este ultimo, passeava no parque de Grosbois com seus filhos e o respectivo preceptor.

Santa e nobre mulher esquecida à sombra desses grandes carvalhos pela corrupção que a cinquenta annos devorava a França, Mme. de Chauvelin entretinha a sua vida com tres affecções: a veneração por Deus que a abençoava, o amor por seus filhos que adoravam-na e a amizade por seus criados que a veneravam.

Preocupada sempre de tudo o que dizia respeito a seu marido, ella o acompanhava com o pensamento no theatro tempestuoso da corte, como a mulher do marujo segue com o coração o pobre navegante perdido nos recifes em meio da tempestade.

O marquez amava ternamente sua mulher: ainda depois de cortezão preferido nunca olvidara, n'essa partida em que sempre ganham os creis, a felicidade da vida domestica, d'esta derradeira e pura chamma que parecia sorrir-lhe como a felicidade futura. Encarava a felicidade do lar como o naufrago divisando o pharol salvador. No meio das longas tempestades de sua vida pensava sempre no descanso em meio da sua familia.

Uma das virtudes do Sr. de Chauvelin era nunca ter obrigado à marquesa a habitar Versailles. Si o fizesse, a virtuosa mulher teria obedecido, mas tambem ter-se-hia sacrificado.

O marquez uma vez fallou-lhe n'isto, conheceu porém o constrangimento que lhe impunha, e nunca mais demonstrou esse desejo.

Dizia-se que o marquez temia sua mulher; isso era falso: elle mesmo o confessava n'estas palavras:

— Tenho gosto e continuo a ganhar muitas

veiras no inferno : deixemos a boa mulher por sua vez conquistar-me algumas pollegadas do céo.

O marquez não ta mais a Grosbois ; quando pueria vér sua mulher, iam ambos terem S. André, e isto uma vez por anno. Seus filhos tambem só uma vez o viam : era no dia do anno novo.

O abbade V.... era o encarregado da educação dos dous filhos do Sr. de Chauvelin, e estimava-os como si d'elles fôra o próprio pai.

Além do abbade, um velho intendente chamado Bonbonne, e o padre Delar, confessor da marquez, concorriam com suas luzes para a boa administração e paz d'aquelle casa.

Imagine-se de quanta consolação não seria uma carta do marquez para sua familia, que no fin de cada anno, no momento da separação, julgava ser a ultima vez que se encontravam !

— E' preciso confessar-se, dizia o padre, que semelhante vida muito deve angustiar ao Sr. de Chauvelin !

— E' preciso confessar-se, replicava o velho intendente, que isto um grande desâfranjo traz para a casa.

— Confessemos todos, continuava o preceptor, que estes meninos assim, como vivem, sem temer emulação, poucas glórias poderão alcançar.

E a angelical marquez sorria para todos tres, respondend ao abbade, que o Sr. de Chauvelin em tempo se desquitaria das cadeias que o prendiam á corte ; ao intendant, que as economias feitas em Grosbois supririam as faltas de sua caixa tão sangrada em Paris ; ao preceptor, que o sangue que corria nas veias de seus filhos por si só bastava para estimular os na carreira da gloria.

E assim iam passando felizes dias no meio dos seculares carvalhos, á sombra de sua rama gem e sonhando sempre com outros ainda mais felizes dias.

A desgraça não tardou em chegar. As flores cahiram do seu hastil, os fructos mirraram, as aguas dos ribeiros seccaram. A familia toda estava n'este dia desolada ; o intendant apresentava contas enormes à marquez e predisse-lhe a ruina de seus filhos no caso que seu marido não se apressasse a pôr-se á frente de seus negocios.

— Minha senhora, disse-lhe elle depois do almoço, permitta-me que lhe diga vinte palavras.

— Diga, meu caro Bonbonne, replicou a marquez.

— Lembre-se, senhora, que a estou esperando na capella, interrompeu o padre Delar.

— Tenho a honra de prevenir á senhora marquez que hoje vou examinar em gramática e em mathematicas os seus dous filhos que já não querem estudar, interrompeu por sua vez o abbade V....

A marquez tomou o braço do padre Delar.

— Meu padre, disse-lhe ella, começarei confessando-lhe que hontem distrahi-me por occasião da missa.

— E porque, minha filha ?

— Por causa de uma carta que espero do Sr. de Chauvelin e que ainda não chegou.

— Eu lhe absolvo, si foi unicamente por isso, minha filha.

— Sim, foi, meu padre, respondeu a marquez com um sorriso de seraphim.

O padre retrou-se.

— Senhor abbade, disse a marquez chamando-o, o exame a que hoje quer proceder seria longo e pezoso : si os meninos nada soubessem teremos de punil-os, e por isso é melhor guardarmos isto para outro dia.

O abbade conveio no que a marquez lhe havia dito.

— Agora, Bonbonne, chegue se para perto de mim, continuou a Sra. de Chauvelin, logo que o abbade retrou-se. Não haverá meio de dissipar estes temores de que se deixou possuir ?

— Duvide, marquez.

— Vejamos sempre.

— E' facil de comprehendê-lo, marquez : minhas contas são atterradoras.

— Não me procure assustar, por que sabe que a minha caixa nunca teve medo de vér-se vazia.

— D'esta vez afianço que terá, senhora, ainda mais do que medo, e succumbirá.

— Ora vamos, Bonbonne, o senhor ainda não contou comigo.

— Por que sei as dificuldades com que a senhora marquez sempre luta.

— Mas ainda não me foi preciso recorrer a pessoa alguma, Bonbonne.

— D'esta vez haverá essa necessidade, por que de tudo sei.

— O que é que sabe.

— Sei em quanto monta as suas economias.

— Duvi-lo : exclamou a marquez corando.

— Si duvida digo já : a Sra. marquez tem

apenas de suas economias perto de vinte cinco mil e quinhentos escudos.

— Oh ! Bonbonne, interrompeu a marquesa corando como si o intendente houvesse sido indiscreto.

— Espero que a Sra. marquesa me fará a justiça de acreditar que não abri a sua gaveta.

— Então... como ?

— Quanto recebe por anno para sua casa ? não é dez mil escudos ?

— Sim, é.

— Quanto gasta, não é oito mil escudos ?

— E'.

— Não ha dez annos que a Sra. marquesa enthesoura este dinheiro, por isso que a dez annos o Sr. de Chauvelin acha-se na corte ?

— E' verdade.

— Pois bem, senhora, estes saldos capitalizados devem hoje montar a vinte cinco mil escudos.

— Bonbonne ! ..

— Advinhei... Ora si a Sra. marquesa os tem dará ao Sr. de Chauvelin, ao primeiro pedido que elle lhe fizer ; e dando, nada mais restar para seus filhos.

— Bonbonne !

— Falemos franco : o marquez deve hoje setecentas mil libras.

— Mas possue um milhão e seiscentas mil.

— Embora : satisfeitas as dívidas, o excedente não lhe chegará.

— Não me assuste, Bonbonne.

— Pelo contrario, procuro remediar.

— E o que devemos fazer ?

— Pedir ao Sr. de Chauvelin que gaste muito, que aliene a favor de seus filhos tudo o que puder, ou que faça um testamento deixando-lhe tudo a titulo de dívida.

— Um testamento, Bonbonne !

— Estes escrúpulos vem fóra de tempo : por ventura morre alguém sem fazer testamento ?

— Falar de testamento ao Sr. de Chauvelin !

— E o que tem isso ? Receia perturbar o Sr. marquez em meio de suas alegrias, citando-lhe esta palavra — o futuro ? palavra que ainda mesmo para os mais felizes quer dizer — morte ! Pois bem, antepõe este temor à ruina de seus filhos e poupe esse incommodo ao Sr. de Chauvelin.

— Bonbonne !

— Eu sou um livro que fala ; leia as minhas contas.

— Isto ! terrivel.

— Será ainda mais terrivel a realidade que lhe anuncio. Marquesa, marquesa, mande quanto antes a promptar a sua carruagem e vá ter com o marquez.

— Em Paris ?

— Não, em Versailles.

— Eu, ir a Versailles ? nunca ! ..

— Então escreva-lhe.

— E lerá elle a minha carta ? Não sabe que quando lhe escrevo para felicitá-lo ou pedir-lhe que venha ver-me, elle nem ao menos lê as minhas cartas ? E sendo assim como me prestará atenção tomando eu a pena de u.a homem de negocios ?

— Então vá um amigo, eu por exemplo.

— O senhor ?

— Pensa que elle não me prestará atenção ?

— Não, penso que elle pode adoecer.

— Seu medico o restabelecerá.

— O Sr. pôde enraivecer-o, e a colera o matar.

— Não, elle viverá : mas si por fatalidade, morresse por minha causa, isto mesmo aconteceria depois de ter feito o seu testamento.

E o honrado Bonbonne deu uma risada que incommodou bastante a marquesa.

— Bonbonne, não falle mais assim, por que então a mim é que matarão, murmurou ella.

Bonbonne pegou-lhe na mão com respeito.

— Perdoe-me, marquesa, esqueça-se do mal que lhe causei ; irei a Versailles e prometto-lhe que nada acontecerá ao Sr. de Chauvelin.

— Louvado seja Deus ! .. Mas, olhe ! ..

O que ?

— Realisaram-se os meus mais ardentes votos ;

— Com o ?

— Não vê aquella carruagem ?

— Vejo.

— E não reconhece a librê ? ..

— Aquelles cavallos são do Sr. marquez ? ..

— Senhora ! senhora ! exclamaram o abbade e o padre Delat entrando.

— Senhora ! senhora ! responderam vinte vozes diversas da parte de fóra.

— Maman ! maman ! exclamaram tambem os filhos,

— Marquez ! o marquez hoje em Grosbois ! será isto una realidade, meu Deus !

— Bom dia, marquesa, gritou o Sr. de Chauvelin descendo da carruagem.

Bom dia, marquesa. Sim, sou eu mesmo em corpo e alma.

— Elle, bom de saudade e alegre sempre !  
Benedito seja o nome de Deus !

— Viva o Sr. marquez ! viva o Sr. marquez !  
exclamaram muitas vozes a um tempo.

(Continua).

## Curiosidades dos tempos antigos e Modernos.

### A PONTE BRITANNIA.

Quando o genio de Stephenson concebeu a audaciosa ideia de construir um caminho de ferro por cima do grande e medonho abysso do estreito de Menai, sua tentativa foi recebida como insensata, ninguem mais do que elle acreditando na possibilidade de sua execucao.

Então não se conhecia senão as pontes pensis de Telford, que por sua construcção ligeira e flexivel de nenhuma sorte convinham para sustentar o enorme peso de uma massa rotante tal como a dos wagons do caminho de ferro.

E tanto era reconhecido isto que os commissarios das pontes e calçadas de Inglaterra prohibiram applicar ás vias ferreas o sistema das pontes pensis.

Stephenson não se deixou amedrontar nem pelas diffiuldades da empreza nem pela incredulidade de seus amigos. Escolheu para lançar os alicerces de sua ponte o logar mais estreito do rio, onde pelo facto mesmo de ser menos largo tornava-se a torrente mais violenta e precipitada.

Muitos navios haviam-se despedaçado indo de encontro aos rochedos que orlavam Menai n'aquelle temivel passagem. Dos lados elevavam-se altas montanhas, cuja base era um continuo abysso enteitado pela espuma das aguas que n'elles se iam quebrar. Parecia impossivel efectuar-se em condições tão desfavoraveis e arriscadas a menor construcao que promettesse perdurar.

Stephenson propôz-se primeiramente cortar a força das aguas dividindo o rio por grandes amontoamentos de pedras; este projecto porém sendo combatido pelo almirantado, imaginou um segundo que foi aceito, e a ponte de Britannia não tardou em ser construida tal como ainda hoje se vê.

Compõe-se ella de dous grandes tubos oucos de ferro fundido collocados ao lado um do outro e estendendo-se até o comprimento de tres mil pés. O rochedo que se achava no meio do canal

foi de grande utilidade para a collocação d'estes tubos.

O seguinte trecho d'o relatorio d' Sr. Francisco Head sobre estes trab losgigantescos dará melhor do que nós uma ideia da importancia que merece aquele trabalho herculeo.

« Parecia-nos impossivel uma combinação qualquer de materiaes que tornasse a ponte bastante solida para supportar seu proprio peso, e ainda mais o peso enorme de dous combois de viajantes e cargas a todo vapor bruscamente correndo. Quantos maiores esforços faziamos para chamarmos a reflexão a razão em nosso auxilio mais o mysterio parecia-nos incomprehensivel. Todas as nossas ideias sobre a gravidade relativa dos corpos ficaram anniquilladas. As laminas de ferro de que se compõe esta audaciosa galeria aerea tem apenas a espessura de tres centimetros. Admira-se como o esforço da sciencia humana pôde tornal-as tão fortes, pôde fazel-as supportar o grande peso que supportam e resistir ás inumeras tem prestados que a sempre está sujeita a ponte. »

A ponte da Britannia, aberta á circulação a 5 de Março de 1850, passou por inumeras provas. Um comboio do peso de 200 tonelladas foi collocado no centro de um dos tubos, e no fim de duas horas reconheceu-se que o mesmo tubo não havia cedido nem meia pollegada.

Vrs.

### Canhinho.

A primeira assembléa geral legislativa constituinte fez a sua primeira reunião em 17 de Abril de 1823 com 53 deputados. Essa assembléa foi dissolvida em 12 de Novembro do mesmo anno.

A execucao do alferes Joaquim José da Silva Xavier Tira-dentes teve lugar em 21 de abril de 1789.

A primeira matriz e cathedral do Rio de Janeiro foi a igreja de S. Sebastião do Castello edificada por Salvador Corrêa de Sá.

O primeiro bispo nomeado para a diocese do Rio de Janeiro foi D. Frei Manoel Pereira, que depois de sagrado renunciou o bispado, e faleceu em Lisboa em 6 de janeiro de 1678.

O distinto poeta, Padre Antonio Pereira de Souza Caldas nasceu no Rio de Janeiro em 24 de novembro de 1762, e morreu em 2 de março de 1814; foi sepultado no Convento de Santo Antonio.

A constituição que nos rege foi formulada e assignada por dez conselheiros.

Esses conselheiros foram :

João Severiano Maciel da Costa (depois marquez de Queluz) Luiz José de Carvalho e Mello (Visconde da Caxoeira) Clemente Ferreira França (marquez de Nazareth).

Manoel José Pereira da Fonseca (marquez de Maricá) João Gomes da Silveira Mendonça (marquez do Sabará) Francisco Vilela Barbosa (marquez de Paranaguá).

Barão de Santo Amaro (marquez do mesmo título).

Antonio Luiz Pereira da Cunha (marquez de Inhambupe) Manoel Jacintho Nogueira da Gama (marquez de Baependy) Jose Joaquim Corneiro de Campos (marquez de Caravellas).

O marechal Raymundo José da Cunha Mattos e o Conego Januário da Cunha Barbosa foram os fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A primeira sessão dessa associação teve lugar em 21 de outubro de 1838.

O seu 1.º presidente foi o visconde de S. Leopoldo, o 1.º secretário o conejo Januário.

No primeiro ministerio do Sr. D. Pedro I. se contaram dous Andradas, ministros do Imperio e Fazenda; no primeiro ministerio do Sr. D. Pedro II. se contaram dous Andradas ministros do Imperio e Fazenda.

*Moreira de Azevedo.*

## Meia noite

(CONTO PHANTASTICO.)

A noite era fria, era uma noite de inverno. Wilfrid foi o ultimo a sair da casa em que estivera e rapidamente caminhava pelas ruas cobertas de neve; parecia não ter frio, não sabia que a hora já ia adiante e comigo mesmo fallava de uma meia de jogo ante a qual se sentara: recordava-se d'aqueles montes de ouro que haviam deslumbrado a sua vista e que ainda no meio das trevas pareciam scintilar dizendo-lhe-somos a alegria, o poder, a felicidade!

De repente de um campanario desceu o som que annunciava onze horas e meia: este som fez Wilfrid despertar de suas meditações; parou, olhou em torno de si e não reconheceu o lugar em que se achava. Uma igreja elevava-se meio de um cemiterio,

A claridade um palido raio da lua Wilfrid distinguio em pe, no cume do edificio a imagem de S. João Nepomuceno, padroeiro da Bohemia, coroado com um diadema estrellado...

A porta do templo estava aberta; Wilfrid sentia-se fatigado, entrou...

Guiado pela tremula luz de uma pequena lampada suspensa ante o tabernaculo dirigio-se para aquelle ponto; mas apenas tinha descansado um momento, a porta da sacristia abriu-se e um padre com suas vestes sacerdotais saiu, encaminhou-se para o altar, e depois de haver-se persignado e percorrido com a vista o adro do templo perguntou:

— Não haverá aqui quem me ajude a dizer a missa?

Ninguem responde e no entanto sua voz echoou por todos os recantos do templo; repetiu a pergunta tristemente e o mesmo silencio sucedeu; ainda terceira vez perguntou mais tristemente; Wilfrid então levantou-se e disse:

— Eis me aqui!

Então accenderam-se os cirios e começou o sacrificio.

— Meu filho, disse o sacerdote voltando-se para Wilfrid logo que acabou de proferir as ultimas palavras do Evangelho: para recompensar-te do serviço que me fizeste, annuncio-te que morrerás dentro em um anno, e em um dia igual a este. Adeus, ante o tribunal de Deus nos encontraremos!

Wilfrid ficou só, até que o dia raiou; então levantou-se e dirigiu-se para sua casa; uma grande mudança tinha se operado n'elle: sua consciência despertada pelo annuncio de uma morte proxima, parecia bradar-lhe incessantemente,

— É preciso restituir esses bens mal adquiridos abandonar essas criminosis alianças, renunciar esses prazeres perniciosos. Pensa pensa na eternidade!

Wilfrid tinha medo; o juizo final parecia preocupa-lo.

Oito dias passaram-se assim; depois a terrivel revelação foi adormecendo no seu espirito e por fim ficou esquecida,

— Tenho um anno diante de mim, dizia Wilfrid seis meses também para converter-me, posso durante seis meses gozar ainda da vida e de todos os seus prazeres, seis meses é tempo mais que suficiente para converter-me.

Esses seis meses passavam como o relâmpago.

Uma manhã quanto Wilfrid accordou viu que o estio se approximava, a terra cobria-se de flores amarelladas que cahiam dos arvoredos e o sol fazia sentir os seus ardentes raios.

— Restam-me ainda seis meses, dizia Wilfrid, ainda tenho muito tempo. Tres meses basta-me, para reconciliar-mai com Deus...

Gezemos ainda, colhamos todas essas rozas de um dia.. D'aqui a tres meses converteime hei, festas e prazeres decorrerão mais tres meses.

— Quanto tempo ainda me resta! continuava Wilfrid. Não dizem que a misericordia divina é infinita, e que um instante de arrependimento basta para una vida inteira de peccados? Quando estiver para morrer, oh! então, sim, então me arpenderei!

O inverno chegou de novo. Novembro voltou com os seus dias sombrios, Dezembro com as suas noites festivas. Estamos na vespera do aniversario da prophecia fatal, e Wilfrid correu a um baile que dava um millionario. Dansou, divertiu-se como de costume, mas de repente no meio de suas alegrias, a voz intima bradou-lhe

— São onze horas, pensa no juizo divino!

— Wilfrid, queres jogar? perguntou-lhe um dos convidados.

E Wilfrid dirigiu-se para a mesa onde estavam as cestas, os dados e o ouro.

— Para reconciliar-me com Deus basta-me um simples momento, disse elle consigo mesmo.

Nunca o baile pareceu-lhe mais incitante, nunca o jogo mais atractivo.

Soaram onze horas e meia; ninguem deu sétima hora, e Wilfrid debruçado sobre a mesa, o olhar fixo, o peito anhelante, acompanhava o movimento dos dados e as oscilações por que passava a pilha de ouro. Que dia, que horas são? ninguem parecia saber-o...

De repente Wilfrid estremeceu, sua lingua ficou fria, enregelada na boca, juntou as mãos com desespero... Meia noite acabava de spar!

A igreja de S. João Nepomuceno estava calma silenciosa, coberta de trevas, Wilfrid entrou, e não viu ninguem.

Aquelle altar, aquella prophecia, aquella mesa de jogo não haviam sido mais do que um sonho!

Mas este sonho não é a historia de muitas vidas?...

M. R.

### Revista de Theatros.

(10 de Dezembro).

SUMMARIO: — S. PEDRO: — *Captivo de Fez*, e *Dez contos de pape otes*: — OPERA NACIONAL: — *Pelé*. S. JANUARIO. Duas palavras.

Augusto compensa Caligula, os Gracchos fazem amar essa Roma do circo, de Nero, e das proscripções. Ha sempre no passado uma idéa, uma lembrança que o representa no espirito pela melhor face.

A leitora sabe que o classico não é o meu forte; aplaudo-lhe os traços bons, mas, não o accepto como forma util ao seculo. Digo forma util, porque eu tenho a inqualificavel monomania de não tomar a arte pela arte, mas a arte, como a toma Hugo, missão social, missão nacional e missão humana.

Assim não foi por simples gosto que fui assistir ao *Captivo de Fez*, phantasia romântica representada em S. Pedro. Duas foram as razões que lá me levaram: o meu dever de chouista, e a curiosidade de ver a Sra. Ludovina da Costa.

O primeiro motivo está provado com estas páginas: o segundo é facil de justificar. A Sra. Ludovina está no caso de Augusto, compensa os desvarios da velha escolha; é a tragica eminente, na magestade do porte, da voz e do gesto, figura alhada por um quinto acto de Corneille, tragicada pelo genio e pela arte, com as virtudes da escolha e poucos dos seus vicios.

Eis o segundo motivo que me levou ao theatro, de S. Pedro para ver o *Captivo de Fez*. Se assim não fosse o que fria eu lá ver o *Captivo*? um

drama inconsistente, inverosimilhante, com todos os defeitos da escolha e sem uma só das suas bellezas?

O desempenho não me chamaria também ao salão de S. Pedro. A Sra. Ludovina é todo o drama, todo o mais pessoa', é força dizer nem lhe apanha os vòos.

Abstenho-me pois de analyse: todos conhecem o *Captivo de Fez*, como drama e como desempenho; fora inutil.

A noite não foi só o *Captivo de Fez*; tivemos também uma aria pelo Sr. Martinho e a comédia *Dez contos de papelotes*.

A aria é um trecho lirico sem importância, nem valor dramático; não me ocuparei com ella. Fora tomar tempo às minhas leitoras com uma futilidade, futilmente desempenhada. A idéa do Sr. Martinho etc de se matar pelo pé é homérica de trivialidade.

Admira-se da minha franqueza, querida leitora? Pois eu não. Estou acostumado com os críticos de alem-mar—pennas de ferro, que se não torcem, estylo *tranchant* que não orna de rodeios o pensamento, como os selvagens ornavam de flores a vítima que conduziam ao supplicio.

Sou ousado assim? É uma arguição injusta e que eu não creio nas minhas leitoras; como mulheres, sabem que a ousadia é a primeira virtude masculina. Desculpem a franqueza.

Mas eu era talvez com toda esta franqueza. É ahi o ponto da questão. Estou prompto a discutir com os labios de rosa que me leem agora; provem elles que as minhas apreensões em arte são erradas, eu trataria de emendar-me, ou retirar-me da posição em que estou senão for capaz de emenda.

Mas por agora não; estou consciencia do dever. Folhetinista pobre mas honesto, prometto não dar um motivo de descontentamento aos bellos espíritos encastoados em cashemira e seda que tem a complacencia de perder algumas horas comigo, antes de ir para o toucador; em compensação, estou certo que me não tomam por escriptor fofo, alarve que coma pão, com perda do estomago social e do senso commun.

Adiante.

A comédia *Dez contos de Papelotes* é original brasileiro por... *trez estrelas*. Foi uma feliz idéa e incognito; o autor que não conheço só de fazer mais alguma cousa de geito: sem dúvida a co-

media representada é uma primeira produção e não seria útil perder assim alguns louros futuros.

Não é digna de um publico illustra-lo a comédia *Dez Contos de Papelotes*; sinto dizer-o, mas a minha probidade está antes de tudo. Dous sujeitos, um belchior, e outro, não me lembro de que profissão, entram em casa de uma menina solteira que mora com sua tia, e que vai casar com um primo. A tia não aparece nunca e ninguém dá fé da entrada dos dous gamenhos apesar da alta e estirada voz do belchior.

Estes dous sujeitos tem entrevista com a referida menina sem que ninguém ainda dê por isso. Entretanto chega o noivo e é necessário escondê-los... por que? não sei, mas é preciso escondê-los. Um delles toma saia, chale, touca e vai sentar-se á poltrona, como se fôra a celebre tia; o outro fica por ali algures.

E assim por diante.

Não continuo; temo ser franco de mais, e desta vez antes queria faltar ao meu dever de historiar o theatro.

O Sr. Barbosa (o belchior) não esteve na altura da peça e do papel: fez de uma criação grosseira uma entidade banal. Locução laboriosa, arrastada, com os *rr* de carrinho, e as phrases pronunciadasgota a gota; gesto grotesco, contorsões de corpo e de physionomia, eis pouco mais ou menos o belchior dos *Dez Contos de Papelotes*.

Por que é que o Sr. Barbosa não attende aos verdadeiros conselhos dos que presão a arte? Não presumo que só reconheça por títulos á critica, uma prática de longos annos; deve reconhecer e compenetrar-se de uma cousa: ha uma qualidade que vale a prática, é o gosto; e esse não o dão longos annos de tarefa, é faculdade do espirito, atributo da intelligencia.

Eu disse em uma das revistas passadas que o Sr. Martinho, dotado de um largo estro comicó, não devia deixá-lo ir sem cultura profunda e apurada. Repito a phrase desta vez. Sabe o artista o que está perdendo? é ouro, ouro de lei; uma vocação que poderia muito aproveitar para a arte.

Alguns negão ao artista uma redempção; eu não: creio, apraz-me crer, não sei se péco neste desejo de fé, que o Sr. Martinho, não tem apagado todos os raios de sua estrella de inspiração. Se lhe restam alguns, poupe-os: valem ouro, valem futuro.

São palavras sinceras, de quem lamenta de coração um suicídio lento, suicídio laureado de flores e coberto de palmas.

... tem um capital de talento, tem necessariamente o dever de fazel-o productivo, acumulhe os juros pelos meios licitos, e os meios os são o estudo pratico dos caracteres, e dos sentimentos.

A não ser assim é inutil esperar pelo futuro, o futuro quer sempre encontrar uma fortuna real.

Estas reflexões fil-as eu assistindo aos *Dez contos de papelotes*.

Quem o viu nessa comedia, assim como na antecedente, lamentou de certo a arte, e a paciencia publica. Não havia ali bom senso artistico, mas um delirio da arte nas suas noites mais ebrias ; em vez da tunica aristophanica foi um vestido de arlequim que o artista tomou aos homens ; ninguem se lembrava da arte em suas manifestações serias ; mas das noites suadas de delirio desses classicos pavilhões dramaticos levantados em honra de uma das nossas pascoas.

Tive pena, confesso, senti-me confrangido de lastima ; e é com sincera vontade de uma redempção que escrevo estas linhas.

A OPERA NACIONAL deu a sua segunda recita em S. Pedro. Cantou-se o *Pipelé*, partitura de Ferrari. Já fallei a respeito, e disse o que julgava conveniente à nascente companhia. O desempenho, da mesma maneira que o primeiro, fez sentir esperança de uma boa companhia de teatro.

Finalizo com uma supplica. Tenho deixado no esquecimento o pequeno theatro de S. Januário, onde o Sr. Germano tem dado especiais com a sua modesta companhia.

Já fallei uma vez, mas uma só vez. Pelo que é uma ligeira apreciação pude colher, é que os elementos que possue, fazendo uma boa escolha de peças, o theatro de S. Januário tem feito a um apoio publico. O *Anjo Maria* foi representado com gosto e estudo ; falam tambem *Anjo e demônio* onde tem um papel importante a Sra. D. Manoella.

Ultimamente foi levado á scena o drama *A re de Londres*, de grande espectaculo, e que o que me consta, foi montado com esmero e idado. Não conheço a peça, mas dizem que é uma das melhores do repertorio classico. Irei vê-la o mais breve possível, e procurarei frequentar mais esse theatro que apesar de affastado, tem por garantia o trabalho e a dedicação.

## As duas redempções.

### AO BAPTISMO E LIBERDADE DE UMA MENINA.

Inda uma vez tanjamos  
A lyra, e mais um hymno  
Consinta-me o destino  
Erguer nos cantos meus :  
Que vá, de sons profanos  
Despido e desquitado,  
Em vôo arrebatado  
Voando aos pés de Deus.

Da liberdade a estrella  
No berço da innocencia  
Derrama a providencia  
De duas redempções :  
Mostrando uma alma limpa  
Do crime primitivo  
No corpo de um captivo  
Que quebra os seus grilhões.

Que assumpto mais merece  
Um hymno de poezia ?  
Que dia tem mais dia ?  
Que feito tem mais luz ?  
Do captiveiro um anjo  
Quebrando infames laços  
A' cruz estende os braços  
E os braços lhe abre a cruz.

Perfilha Deus o anjo  
Na filiação da graça,  
E o ser que o crime embaça  
Puniu a redempção !  
E o homem, dissipando  
Do berço insano agravo,  
Em menos um escravo  
Abraça um novo irmão.

Que fôras, innocenté,  
Que fôras n'esta vida,  
Da escravidão perdida  
No barbaro bazar ! ?  
Pobre rola ferida  
Da infamia pelo espinho,  
Em que ramo ? em que ninho ?  
Te havias de aninhar.

Infante, sem affagos,  
Temendo-te altiveza,  
Querendo-te a vileza  
Plantar no coração,  
Dariam-te nos gestos,  
Nas vestes, no aposento,  
Na meza, no alimento  
Sómente—escravidão !

Eu sei que haveis guardal-a,  
Que em tão santa amizade  
Não vem variedade  
Deitar veneno atroz.  
Sou vosso desde a infancia :  
Da vida até o fim  
Sereis tanto por mim !  
Como eu serei por vós.

1859.

S. R.

Donzella ( oh ! sacrilegio ! )  
Amor, qual flor sem viço,  
Mil vezes é serviço  
Que fero senhor quer !  
E dôr que o fel requinta,  
Que a impia sorte agrava  
D'aquelle que é escrava  
Depois de ser mulher.

Si mãe ( é mãe escrava ? )  
Quem sabe si verias  
Teu filho mãos impias  
Do seio te arrancar.  
E surdos ao teu pranto  
Mandarem-te com calma  
Do summo da tua alma  
A outro alimentar ? !

Criança, mas sem veres  
Da infancia as verdes côres.  
Donzella sem amores,  
Talvez alma sem Deus !  
Não fôras, arrastada  
Da vida pelos trilhos,  
Nem tua, nem teus filhos  
Seriam filhos teus.

O' vós, que hoje lhe destes  
O dom da liberdade,  
Que junto a divindade,  
Matais a escravidão,  
Ae trovador propicios,  
De acção tão excellente  
Em culto reverente,  
Guardai esta canção.

Perdoa-me, donzella, se tremendo  
Na risonha estação de meus amores,  
Desvairado a teus pés ouso pedir-te  
De teu collo gentil mimosas flores.

Perdoa-me ! A teu lado vacilante,  
Respirando os perfumes vaporosos  
De teus lindos cabellos desgrenhados,  
Quizera vêr-te em sonhos amorosos...

Si unidos ao luar, por noite amena  
Desfolhassemos candido jasmim,  
Em ebrioso abraço confundidos,  
Talvez morressse de me vêr assim...

Que a fresca madresilva dessas faces  
Enrubecida aos beijos anhelantes,  
Da languida ternura de minha alma  
Brotára novas flores vecejantes...

Dormir no alvo leito do teu collo  
Sentindo tuas mãos tremer nas minhas,  
Vêr-te bella em extasis palpitante,  
Esquecida do mundo em que definhas ;

Ao sol da vida vêr abrir as flores  
Que a teus pés despontassem n'um momento:  
Vêr-te presa a scismar em doce enleio  
Deitada no meu peito sem alento...

### Um desejo.

91. melhor fôra do que vêr sorrindo  
92. raios os sylphos amorosos.  
93. melhor do que morrer nas azas  
94. das dos deleites vaporosos....

95. se á sombra das graças que te euleiam  
96. o queres a meus labios vêr-te unida,  
97. mo nauta infeliz, minha existencia  
98. o pelago da dôr irá perdida....

1831.

F. J. Bithencourt da Silva.

**Soffrendo.**

Ao já fraco fulgor da lua, ao manso  
doce suspiro da nocturna aragem,  
alma adorada, vem velar comigo  
á sombra amiga da languida folhagem.

Do sepulchro, a lapide pezada,  
quebra; e surge, accorda, ressuscita;  
vem, irmão, que a hora solitaria  
do peito ás ternas expansões excita.

Desses cabellos, que tão loiros eram  
saccode, lêsto, do teu leito o pó;  
longe o sudario; lança ao ermo as vestes  
negras, tão negras que motivão dô.

Oh! vem, já basta de dormir, cerrando  
o olhar tão puro do universo ás galas.  
irmão, desperta, vae calada a noite;  
e o ensejo é proprio para amigas falas.

Quero dizer-te que hei sofrido, e muito!  
Em quanto inerte te enxergava—assim;  
quanta saudade me escaldava o peito,  
quanta ventura se arredou de mim!

Has de carpir-me, meu irmão, eu sei;  
triste, em meus braços chorarás tambem;  
pois foi tamanha minha dôr, que embalde  
tentou curar-a suspirado bem!

Por entre as nuvens alvacentes, limpadas  
dessa existencia que a mulher esmalta,  
quanto fizera por te vêr disperto,  
quanto era amarga de teu riso a falta!

Oh! vem, accorda, vae calada a noite;  
irmão, é tempo de correr a nós.  
— Appello inutil! nem da campa o echo  
chora comigo, me responde á voz!

1 de Dezembro de 1859.

Jorge Cussen.

**Indole de mulher.**

..... malíssimas mais, porém, nos salva de nós mesmo.....

(A. HERCULANO.)

Pôde ser que a mulher seja uma imbecil  
E' o homem um dragão;  
Pôde ser que não tenha aquella prantos  
E' o homem coração;

Pôde ser que a desgraça e a miseria  
Lhe faça a mão beijar,  
Escrava das paixões ao homem bruto  
Que goza de a provar.

Mas a mulher que o tempo divinisa,  
Que o céo purificou,  
Essa deve existir em toda parte  
Como Deus a formou!

Debil, ardente por amor na vida  
A flor do affecto seu,  
Foi n'um hora de graça e de justiça  
Que o Eterno a concebeu!

FRAGOZO.

**Bulletim Bibliographico.**

AS CINZAS DE UM LIVRO

PELO SR. BRUNO SEABRA.

Publicou-se um livrinho, ou antes um folheto  
com este titulo, producção em verso do Sr. Bruno Seabra.

A historia ahi contada e segundo informações  
que tenho é exacta, pelo que toca á justificação do  
titulo. O poeta tinha um livro, e um dia quei-  
mou-o. O que o levou a esse auto de fé? Não sei.

*Tinha frio*, disse o poeta, e eu queria aquecer-me.  
E' um pretexto? uma verdade?

As *cinzas de um livro* são uma phantazia, um pamphleto, mais nada. Não apreciarei o livrinho como obra litteraria; o poeta se mostra tão doente d'alma que a critica emmudesse, e vai estudar a enfermidade moral de um espirito de vinte annos.

Não commungo com as invectivas deitadas á sociedade nesses ligeiros versos. Mereceu — as ella? Eis o ponto negro.

O poeta é talvez um desses individuos que como Pedro de Mello de que nos falla Lopes de Mendonça, passam na sombra, rolados pelas ultimas camadas sociaes; poetas ultrajados, secos de felicidade, ou morrem martyres da noite, ou riem de Deus, embalados pela duvida, frios por uma ossificação do espirito.

O poeta escolheu rir.

Queimou primeiro o livro, e chorou por elle:

*Meu pobre livro!... mas eu tinha frio!*

*Tinha gelo nas medullas dos ossos.*

Depois riu, riu de mais. Estes dous versos são repassados de um fel satanico:

*Não te arrependa não! virtude e vicio*

*Duas palavras são para um só facto:*

*Vicio é o vicio em que se não disfarce!*

*Virtude o vicio disfarçado apenas.*

E' doloroso escrever estas phrases estravagantes e repassadas de uma descrença cynica, mas como lhe inspiraram estes versos?

### A filha da visinha.

PELO SR. FERNANDES DOS REIS.

— Acaba de ser publicado o lindo romance original *A filha da Visinha*, do Sr. José Fernandes dos Reis.

Não é este o primeiro romance que o Sr. Reis tem publicado: o *Correio da Tarde* tem mais de uma vez apresentado em suas columnas outras produções do mesmo senhor, que tem merecido o mais lisongeiro acolhimento.

Dispensamo-nos de maior recommendação. O Sr. Reis tem um nome já conceituado o quanto modesto, como o conhecemos, a sua intelligentia é devidamente aquillatada.

O romance *A filha da Visinha* passa-se no Rio Janeiro, e tem scenas bastante divertidas.

Um outro romance da mesma pena prepara-se para ser brevemente publicada em dous volumes. Tem elle por título *Leonor*.

Não podemos deixar de pedir o acolhimento publico para esta nova publicação. A falta de romances originaes brasileiros é geralmente reconhecida, e assim cumprimos um dever aplau-

dindo todo o escriptor que se propõe com a arte a desenvolver tantas scenas curiosas que em familia passam entre nós desappercebidas.

— A *Primavera* é uma linda schotich que acabam de remetter-nos de S. Paulo para ser publicada com esta revista. Brevemente as nossas leitoras poderão apreciar mais este mimo musical. Composto pelo Sr. Antonio José de Almeida.

### Revista contemporanea brasileira.

PELO SR. BITTENCOURT DA SILVA.

Com o intuito de animar e desenvolver as vocações da mocidade vai brevemente encetar-se sob a direcção do Sr. F. J. Bittencourt da Silva uma publicação mensal composta de trabalhos, criticas, biographia e retratos dos individuos, de ambos os sexos, que dando-se ao cultivo das letras, artes, sciencias ou industrias nella mais se distinguirem.

As vantagens que desta publicação pôdem resultar para o progresso desses ramos de conhecimentos humanos, marcando por assim dizer o marco milionario da primeira época da vida de cidadãos perstimosos que mais tarde tem de honrar a classe a que pertencerem, são tão palpáveis que deixamos aos nossos leitores avalia-las.

O desinteressado zelo com que o Sr. Bittencourt realisa as suas idéas é uma garantia de estabilidade para a projectada publicação. Ela vêm preencher um vacuo immenso, cuja realização será para as bellas letras e artes um manancial inesgotavel de producção, ás quaes a critica imparcial e animadora dará um cunho de valor real e intrínseco até hoje em abandono e esquecimento.

O producto das assignaturas, qualquer que seja revertirá sempre em proveito da publicação não só augmentando-se o numero das folhas de impressão, de biographias e retratos, mas também enriquecendo-a com estampas, copias das melhores obras dos artistas que residirem neste imperio.

A este tão util e desinteressado reclamo é de crer que não deixem de concorrer todos os homens prestimosos e amigos das causas patrias.

A mocidade brasileira que deve ter ali o seu pequeno pantheon, cumpre especialmente concorrer com seus trabalhos e auxilio.

Em um paiz novo e cheio de vida como o nosso não se deve deixar morrer á mingua da seiva e protecção e protecção idéas proveitosas e dignas como a que temos o prazer de noticiar.

Trabalhe a mocidade; lembre-se que o futuro é a sua terra da promissão e o engrandecimento da patria será a sua recompensa.

Fazendo votos pela realização e prosperidade de tão patriotica concepção damos ao seu autor nossos emboras.